

NOSSA ARMA-PALAVRA: O ATIVISMO INTELECTUAL DAS MULHERES NEGRAS NO *POETRY* *SLAM*

OUR WORD- WEAPON: THE INTELLECTUAL ACTIVISM OF BLACK WOMEN IN
POETRY SLAM

Amanda Julieta Souza de Jesus¹

Florentina da Silva Souza²

RESUMO: Usar a palavra como arma é compreender o poder da sua própria voz como uma ferramenta de resistência e transformação. Tendo em vista a importância da criação de mulheres negras para o enfrentamento ao sistema de validação do conhecimento e, conseqüentemente, às estruturas de opressão, este trabalho traz - a partir, principalmente, da revisão bibliográfica de autoras feministas negras - uma reflexão sobre a poesia apresentada por poetas negras no Slam das Minas BA, batalha de poesias realizada em Salvador, como forma de ativismo intelectual. Ao articular principalmente gênero, raça e classe, muitas destas poesias refletem experiências coletivas das mulheres negras no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: poetry slam; interseccionalidade; slam das minas; literatura negra feminina; autodefinição.

ABSTRACT: Using the word as a weapon means to understand the power of your own voice as a tool of resistance and transformation. Considering the importance of Black women's creation to confront the system of validation of knowledge and, thus, the structures of oppression, this work - departing from the bibliographical review of Black feminist authors - brings a reflection on the poetry presented by Black women at *Slam das Minas BA*, a poetry competition held in Salvador, as a form of intellectual activism. By articulating gender, race and class, many of these poems reflect the collective experiences of Black women in Brazil.

KEYWORDS: poetry slam; intersectionality, *slam das minas*; Black female literature; self definition.

¹ Mestranda em Literatura e Cultura na Universidade Federal da Bahia – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0715-7233>. E-mail: amandajulietas@gmail.com.

² Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil. Realizou estágio pós-doutoral em Letras na City University of New York – Estados Unidos da América. Professora Titular da Universidade Federal da Bahia – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7364-3857>. E-mail: floraufba@yahoo.com.br.

Se querem nos privar,
ocuparemos espaços!
Se querem nos apagar,
escreveremos livros!
Se querem nos calar,
vamos falar mais alto!
(Mel Duarte)

1 INTRODUÇÃO

Os problemas ligados ao acesso à voz são uma preocupação constante de pesquisadoras de diferentes áreas de estudo. Quem pode falar? Sobre o que se pode falar? Que vozes são escutadas? Perguntas como estas têm guiado a reflexão de muitas mulheres negras que estão preocupadas, dentre outras coisas, com a construção de contrafalas aos discursos hegemônicos ao redor do mundo³.

As razões do silêncio que afeta as mulheres negras são, de acordo com a intelectual feminista norte-americana bell hooks (2019), variadas e multidimensionais. Enquanto as mais óbvias são as manifestações de opressões de raça, gênero e classe, as menos óbvias são as lutas internas de cada uma e envolvem esforços para ganhar a confiança necessária para fazer o que ela nomeou de “erguer a voz”. Para a autora, é importante que falemos e mais importante ainda é sobre o que falamos, pois se expressar em uma cultura de

³ Ver, por exemplo, Miriam Alves, “A literatura negra feminina no Brasil – pensando a existência” (Revista da ABPN, v. 1, n. 3 – nov. 2010 – fev. 2011, p. 181-189), Conceição Evaristo, “Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira” (Revista da Fundação Palmares, ano 1, n. 1 – ago. 2005, p. 52-57), Audre Lorde, “A transformação do silêncio em linguagem e ação” (*Irmã Outsider: Ensaios e conferências*. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Autêntica, 2019, p. 51-55), e Kristie Dotson, “Tracking epistemic violence, tracking practices of silencing” (*Hypatia*, v. 26, n. 2, p. 236-257, 2011).

dominação não é um simples gesto de liberdade. A voz libertadora é aquela que confronta, que incomoda e que exige que o receptor mude tanto suas maneiras de ouvir quanto de ser. (hooks, 2019)

Atingidas estruturalmente tanto pelo racismo como pelo machismo e, na maioria das vezes, também pela opressão de classe, são as mulheres negras as mais invisibilizadas no âmbito literário brasileiro, seja enquanto escritoras ou personagens. Segundo Florentina Souza (2017), a crítica ignorou por muito tempo a escrita destas mulheres, que, junto com seus textos, pareciam estar duplamente fora de lugar. No entanto, elas “reagiram e reagem. Elas falaram, cantaram e escreveram. Insistiram em manter acesa a chama de sua criatividade e figuraram/figuram como exemplos para outras mulheres negras” (SOUZA, 2017, p. 23).

Tendo em vista a importância da criação - não apenas teórica, mas também artística - de autoras negras para o enfrentamento ao sistema de validação do conhecimento e, conseqüentemente, às estruturas de opressão, propomos aqui uma discussão sobre a poesia produzida pelas *slammers*⁴ negras como um elemento fundamental do ativismo intelectual contemporâneo de mulheres negras no Brasil, tendo como referência o Slam das Minas BA, batalha de poesia falada realizada na cidade de Salvador.

De forma resumida, podemos definir o *poetry slam* como uma competição de poesia falada na qual poetas se enfrentam, recitando textos de autoria própria, em uma junção entre performance e oralidade, que constituem o princípio básico de uma batalha. Para D’Alva (2014, p. 109), no entanto, é difícil definir o *slam* de maneira simples, pois, ao longo dos anos, ele cruzou as fronteiras da literatura e se tornou muito mais que um acontecimento poético:

⁴ *Slammer* é o termo utilizado para se referir às/aos poetas que competem no *poetry slam*.

é também um movimento social, cultural e artístico celebrado hoje no mundo inteiro.

O *slam* tem seu marco de origem em 1986, em um bairro da classe trabalhadora de Chicago, nos Estados Unidos, como uma tentativa de popularizar a poesia falada (*spoken word*), em contraponto aos formatos elitizados cultivados pelo meio acadêmico (Somers-Willett, 2009). E chegou ao Brasil através de uma mulher negra, a *slammer*, pesquisadora e atriz MC Roberta Estrela D’Alva, idealizadora do primeiro *slam* nacional, o ZAP! - Zona Autônoma da Palavra⁵.

Concebendo a “atividade intelectual como atividade crítica de produção de conhecimento gerada em contextos culturais diversos” (SOUZA, 2019, p. 184) e tendo em vista que “ao longo da história, grande parte da tradição intelectual das mulheres negras se deu em contextos institucionais exteriores à academia” (COLLINS, 2019, p. 53), compreendemos que os *slams* são espaços onde as poetas negras falam de si, de suas experiências, inquietações e, através da poesia e do corpo, questionam os poderes hegemônicos estabelecidos. Assim, os *slams*, além de espaços de celebração e entretenimento, são espaços sociais de compartilhamento de leituras críticas de mundo e de disputa do imaginário.

2 A PALAVRA COMO INSURGÊNCIA

As lutas pelo poder, como aponta Stuart Hall (1997), são cada vez mais simbólicas e discursivas, desempenhando, portanto, a cultura um papel fundamental nos processos de mudança social. Para nós, é urgente a necessidade de refletir sobre a poesia de autoria de grupos subalternizados e,

⁵ A primeira edição do ZAP! - Zona Autônoma da Palavra foi realizada em 2008, na cidade de São Paulo, pelo Núcleo de Depoimentos Bartolomeu.

em especial, das mulheres negras, para quem a poesia tem sido, ao longo da história, um meio possível de falar e ser escutada e também a principal ferramenta de luta no campo literário. Na perspectiva de Souza (2019, p. 205), “a poesia afro-brasileira de autoria feminina pode ser lida como uma das facetas da reação histórica de insurgência diante do epistemicídio e do silenciamento”.

O silenciamento das mulheres negras, assim como o de grupos marginalizados de modo geral, é uma prática sistemática de violência epistêmica (SPIVAK, 2010), uma tentativa de subjugação e apagamento de conhecimento que opera a favor da manutenção dos poderes estabelecidos. De acordo com Joice Berth (2018), a combinação entre o silenciamento de grupos oprimidos e o desinteresse dos grupos dominantes em discutir as matrizes de opressão resultou em enorme atraso na produção de conhecimento, dificultando a instrumentalização necessária para a erradicação de problemas sociais históricos.

As letras, no entanto, tem sido um lugar de insurgência para escritoras, compositoras, jornalistas, pesquisadoras, poetisas e outras intelectuais negras, com produções no Brasil que datam desde o período colonial. A “redescoberta” de autoras como a maranhense Maria Firmina dos Reis, primeira romancista brasileira, ou Esperança Garcia, reconhecida hoje como a primeira advogada piauiense, cuja carta ao governador do Piauí foi escrita em 1770, nos dá pistas de que as mulheres negras sempre estiveram se articulando intelectualmente contra as práticas de opressão, mas têm sido invisibilizadas ao longo da história. Da mesma forma, os esforços - dentro da academia e fora dela - para visibilizar o nosso trabalho indicam, ao mesmo tempo, a supressão do pensamento das mulheres negras e a continuidade de uma prática de resistência através da palavra.

É sabido que, à medida em que as práticas de dominação se transformam, as formas de resistência também são reinventadas. Movimento

literário em ascensão, os *slams* se tornaram um espaço importante para a expressão de mulheres, homens, garotos e garotas da periferia, sobretudo negras e negros, ligados à literatura marginal contemporânea. Eles vêm se espalhando pelas cinco regiões brasileiras e ao redor do mundo e disseminando novas possibilidades do fazer poético, ressignificando a relação entre autores e público ao transgredir tanto os processos de produção como os de circulação da literatura, sendo promovidos em formato totalmente popular: qualquer pessoa pode assistir, compor o júri ou competir com suas poesias. Em cena, poetas têm o corpo e a voz como único instrumento possível para passar a sua mensagem.

Mas o que tem atraído tanta atenção aos *slams*? O foco, certamente, está na produção de saberes fora do centro. Como afirmou Stuart Hall (2003, p. 320), a marginalidade, mesmo que ainda periférica em relação ao *mainstream*, nunca foi um espaço tão produtivo na cultura como agora. Os *slams* têm sido fundamentais na projeção de vozes de poetas identitariamente marginalizadas/os, principalmente jovens negras/os, mulheres e LGBTQ, desmistificando a imagem do poeta como um ser aurático escolhido pelas musas e possibilitando a veiculação de discursos outros na literatura brasileira. Através das batalhas, ganha potência uma poesia que fala sobre as urgências dos subalternos e que não estaciona nos livros, mas circula de boca em boca, de corpo em corpo, entre bairros, cidades, países.

No entanto, este alcance que a poesia *slam* vem obtendo, tanto nos circuitos periféricos como em espaços tradicionais, não é por acaso. Não é possível desvincular sua popularização das lutas coletivas que têm sido travadas ao longo da história por grupos minoritários. Ao falar sobre a questão da produtividade da marginalidade dentro da cultura, Hall afirma que

[...] isso não é simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes, à ocupação dos de fora. É também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da

produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural. Isso vale não somente para a raça, mas também para outras etnicidades marginalizadas, assim como o feminismo e as políticas sexuais no movimento de gays e lésbicas, como resultado de um novo tipo de política cultural (HALL, 2003, p. 320).

Assim, é possível dizer que, no Brasil, os *slams* colhem e, ao mesmo tempo, semeiam os frutos de lutas organizadas, como os movimentos negro, feminista e LGBTQ, através de sujeitas e sujeitos que, a partir de suas vozes e de seus corpos, produzem saberes que questionam os saberes hegemônicos estabelecidos. Antes de mais nada, a tomada da palavra nos *slams* abala as ideias restritas e elitistas de literatura, que durante tanto tempo determinaram o que é literatura e o que não é, quem pode ser escritor e quem não pode ser. Somam-se a isso a disputa de imaginário através da contrafala às narrativas dominantes e a construção de discursos que não só resistem, mas que desejam o empoderamento das juventudes marginalizadas.

3 POESIA, RESISTÊNCIAS E TRANSFORMAÇÃO

O Slam das Minas BA, realizado em Salvador, é uma competição literária que movimenta não apenas poetas, mas também o público, formado majoritariamente por mulheres e adolescentes negras. Há momentos de grito, de silêncio absoluto, de sussurros, de estalar de dedos e, no final de cada rodada, é possível observar comentários sobre as performances e sobre o conteúdo desta ou daquela poesia. As pessoas conversam, participam do momento de microfone aberto, dançam ao som da música que estiver tocando. É um momento de entretenimento, de risadas, de compartilhamento do pensamento de mulheres negras comuns e também de estratégias de sobrevivência e luta.

Criada em 2017, a versão baiana do Slam das Minas⁶ foi idealizada pela poeta Fabiana Lima, também conhecida como Negafya, que organiza a competição ao lado das *slammasters*⁷ Ludmila Singa, Tamires Allmeida e Sofia Senne. Juntas, elas promovem batalhas de poesia focadas no protagonismo feminino negro, com o objetivo de criar “um espaço de visibilidade e fortalecimento das artistas da cena local, visando superar em nível pessoal e coletivo a discriminação e o preconceito”, além de “buscar alternativas que proporcionem o protagonismo das mulheres negras e periféricas no meio cultural” (SLAM DAS MINAS BA, 2019).

É para a luta pela vida e pela liberdade que Negafya (2019, p. 179) convida na poesia “Convocação”: “Eu sou a carne mais barata do mercado e você também é. Então eu o convoco pra essa guerra não declarada. Vamos usar a nossa arma, que é a palavra”. Usar a palavra como arma, como sugere a poeta, é compreender o poder de sua própria voz como uma ferramenta de resistência e transformação. Assim, “falar se torna tanto uma forma de se engajar em uma autotransformação ativa quanto um rito de passagem quando alguém deixa de ser objeto e se transforma em sujeito” (hooks, 2019, p. 45). E nos transformarmos em sujeitas significa, antes de tudo, passarmos a ser definidas e interpretadas por nós mesmas, desafiando, desta forma, os discursos elaborados para manter mulheres negras em posições subalternas nas hierarquias sociais. Para Grada Kilomba (2019), é justamente essa passagem de objeto para sujeito que torna a escrita um ato político. Escrever torna-se, portanto, “um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor ‘validada/o’ e ‘legitimada/o’ e, ao

⁶ O Slam das Minas é a primeira batalha de poesia de participação exclusiva de mulheres no Brasil e foi idealizado pela poeta Tatiana Nascimento, em 2015, no Distrito Federal. Atualmente, há versões em diversas localidades do Brasil.

⁷ *Slammaster* é a pessoa que organiza uma batalha de poesia.

reinventar-se a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada”. (KILOMBA, 2019, p. 28)

A partir da jornada em busca da autodefinição, podemos, de acordo com Collins (2019, p. 205), compreender como as vidas de cada uma de nós, mulheres negras, têm sido moldadas por diferentes opressões. E seja através da escrita solitária ou da apresentação em espaços auto-organizados e coletivos como os *slams*, expressar essa voz autodefinida é importante não só para tornar-se sujeita ou combater definições externas, mas também para fortalecer outras mulheres negras.

É através da poesia oral e da performance que as mulheres negras constroem discursos políticos no *poetry slam*. No momento da apresentação de um poema, o corpo performa e cria sentido para além do texto, não só através da voz e suas diferentes entonações, mas também do silêncio, das expressões, dos gestos. E a plateia reage também através do corpo: silencia, grita, aplaude, tensiona, ri, recita os versos mais envolventes junto com a poeta. Neste espaço de construção coletiva, esse ativismo se dá, sobretudo, articulando gênero, raça e classe - indicando, assim, o entendimento das *slammers* de que ser uma mulher negra é, como disse Kimberlé Crenshaw (2012, p. 177) ao definir o conceito de interseccionalidade, estar sujeita a ser atingida pelo cruzamento e sobreposição de diferentes opressões. Em termos simples, significa dizer que a experiência dessas mulheres, seja na literatura ou na sociedade de forma geral, não será igual a de mulheres brancas, se pensarmos pelo viés de gênero, ou a de homens negros, se pensarmos exclusivamente a partir do marcador racial, ainda que oriundos da mesma classe social. Nesse sentido, importante é a contribuição da pesquisadora Carla Akotirene, que afirma que:

A interseccionalidade visa dar instrumentabilidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado - produtores de avenidas identitárias onde

mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (AKOTIRENE, 2018, p. 14).

Muitas das poesias apresentadas nos *slams* refletem experiências coletivas das mulheres negras, que, embora se configurem como um grupo heterogêneo, não existindo uma mulher negra essencial ou autêntica, enfrentam desafios semelhantes na diáspora africana (COLLINS, 2019).

Na poesia “Sagrada Vulva”, a poeta e *slammaster* do Slam das Minas BA Ludmila Singa exalta o poder de mulheres pretas, pardas, retintas, cuja memória vive em seu “ser mulher negra”, representado pelo útero. Apesar das violências perpetradas pelo sistema hegemônico em diferentes épocas da história, que nos remetem do colonialismo à colonialidade, estas mulheres aparecem como luzes que jamais se apagam e iluminam aquelas que vieram depois delas, apontando a existência de uma experiência comum de dor, mas também de resistência e de força ancestral:

Carrego em meu útero
A memória de cada parto,
A dor da ausência
E assassinatos
De filhos, culturas e vitórias.
A falta de protagonismo
De importantes histórias,
De mulheres ativas
Preta, parda, retinta
“Útero em toda a obra!”
Luzes que quando acendem,
Jamais se apagam
Brilham, brilham e brilham

E pousam em mentes para ser recontadas. (SINGA, 2019, p. 9).⁸

Ao expressar uma luta que se dá através de flechas de palavras, a poeta Vanessa Coelho se coloca como herdeira de insurreições, cria da periferia, dos ensinamentos de terreiro, de organizações coletivas negras e alerta para a impossibilidade de definição das mulheres negras a partir das curvas corporais. Ser guiada por Sankofa, como sugere a poesia, significa voltar e pegar, ou seja, apropriar-se dos ensinamentos deixados por aquelas/es que vieram primeiro para, assim, ressignificar o presente e tornar possível a esperança de um outro futuro:

Somos artistas descontentes espalhadas em becos e vielas. Becos e vielas. Becos e vielas. Somos as vozes da favela. Somos netas das escravizadas que vocês açoitaram, somos filhas das negras que vocês estupraram. Somos fruto das quituteiras que pelas ruas compraram sua própria liberdade. Somos a esperança de um povo sair da base. E já que é o nosso direito de passar, não pedimos licença à la Tati Quebra Barraco. Quem gostou, bate palma. E quem não gostou, paciência. Não viemos arrancar sorrisos, mas, como no stand up comedy, é tudo no improviso. Viemos causar prejuízo. Somos crias do Jaca, Mãe Iara, Zeferina, Steve Biko, diretamente de Cajacity. Somos da terra do batuque, das margens do Rio Ipitanga que abastece os sem-terra às margens da irrelevância, das fugas. As veias alteradas que a Pedra de Xangô conseguiu refugiar. Das matas do Urubu à proteção dos orixás de um povo pronto. Pronto pra se levantar. Sobrevivente ao balanço das águas, do tombo dos corpos ao choro na senzala, onde o homem não se planta. Lutamos com flechas de palavra e Sankofa nos direciona. Herdeira de insurreições, a presença de perdas expressam mulheres negras transcendendo as curvas corporais (...) (COELHO, 2019).⁹

Ao se colocarem nestes espaços auto-organizados de poesia marginal contemporânea, as poetas negras estão exercendo, através da literatura, o que bell hooks (2019) chama de *subjetividade radical*. Primeiro, pelo simples fato de

⁸ Ao longo deste artigo, utilizo poesias consultadas em fanzines e gravadas em vídeo. Optei por reproduzi-las respeitando a forma do material impresso, nos primeiros casos, e transcrevê-las em texto corrido quando retiradas de arquivo audiovisual.

⁹ Poesia apresentada no Slam das Minas BA, em 05/10/2019.

estarem ali, disputando o discurso, ocupando a rua, espaço de domínio majoritariamente masculino, colocando-se contra o sistema histórico-estrutural de silenciamento das mulheres negras e buscando, a partir da escrevivência¹⁰, a representação de si mesmas. Mas essa subjetividade radical se expressa também através das temáticas de suas poesias, com as quais, dentre outras questões, se posicionam ativamente contra formas de violência como o racismo e o machismo, levando para a poesia o próprio conceito de interseccionalidade ao abordar a diferença dentro da categoria “mulher”, convidando o público a questionar a si próprio e a refletir sobre as diferentes estruturas de opressão e inserindo na literatura brasileira novas representações da mulher negra.

É atentando para as articulações entre raça e gênero e as diferenças dentro da categoria “mulher” que Negafya trata de um problema que atinge especificamente as mulheres negras. A poeta não apenas questiona a legitimidade de mulheres não pretas para tratarem de questões relacionadas à subjetividade destas, como também exige respeito ao final da poesia “Solidão da mulher preta”. O respeito devido a quem não admite ser objeto e se torna sujeita de sua própria história, a quem não está no mundo para satisfazer o desejo sexual masculino e que, apesar de tudo, segue firme:

Eu sinto a solidão da mulher preta. Hoje, vocês vão sair com medo de buceta. Vocês vão ter que me respeitar, quando minha poesia eu acabar de recitar. Vocês vão ter que me respeitar, quando minha poesia eu acabar de recitar. Mulher, um ser que resiste e é firme. Mulher, quanto mais melanina tiver, maior a sua dor, pouco se tem amor. Tudo isso para nós é um fator. Mas você sabe o que é isso? Claro que não. Você que sempre foi feita pra casar, enquanto eu, mulher negra, nós, mulheres negras, servimos só pra transar. Saciar o homem branco, homens negros, que também vivem a nos

¹⁰ Para Conceição Evaristo, a fala das escritoras negras é a de um corpo, antes de tudo, vivido: “A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra” (EVARISTO, 2005, p. 205).

maltratar. Mulher, quanto mais melanina tiver, maior a sua dor, pouco se tem amor. É o que? É o que? O que você quer falando da solidão da mulher preta? Que legitimidade você tem pra falar da minha solidão? Então, você que sempre teve homens aos seus pés e fica pagando de vítima. Você pode até ter um cabelo encrespado, mas a cor da sua pele coloca você em um lugar privilegiado (NEGAFYA, 2018, n.p).

Exercer uma subjetividade radical é, antes de tudo, não se contentar com o papel de subalternidade imposto para si. Para bell hooks (2019, p. 125), “a única maneira de as mulheres negras construírem uma subjetividade radical é resistindo ao conjunto de normas e desafiando às políticas de dominação baseadas em raça, classe e sexo”. Desta forma, podemos pensar nos *slams* como um espaço subversivo que abre novas vias de discurso tanto para poetas quanto para o público, onde as mulheres negras, através da rua, do corpo e da palavra, performam formas de resistência.

Assim, também é importante a reflexão de que a margem, em cujo bojo nascem os *slams*, é “um local que nutre nossa capacidade de resistir à opressão, de transformar e de imaginar mundos alternativos e novos discursos” (KILOMBA, 2019, p. 68). Para bell hooks (2015), as construções da subjetividade negra e o pensamento crítico sobre ela que mais provocam fascínio talvez venham justamente de escritora/es, críticas/os culturais e artistas marginalizadas/os. Assim, ocupar os espaços públicos e exigir o direito de fazer poesia, tornando a literatura palavra em movimento, é, como aponta Leda Maria Martins (2007) sobre a oralitura, inscrever tanto poeta - sujeito emissor - quanto público - receptor - em um circuito de expressão, potência e poder. Além das narrativas de dor frequentes na poesia *slam* de autoria feminina negra, presentes em seu constante embate ao racismo, ao machismo e à opressão de classe, há o florescimento de um espaço não apenas de resistência, mas também de fortalecimento e cura afetiva de mulheres negras.

A construção de uma contranarrativa através do amor à negritude tem aparecido nas batalhas de poesia de forma tão contundente quanto os versos de

denúncia, seja pela valorização da ancestralidade, da história, da cultura ou da estética negras. Parece, assim, haver o entendimento de que a construção de espaços seguros para o compartilhamento de ideias e a afirmação positiva de ser negra/o são uma forma potente de resistência, já que uma cultura de dominação, para se manter vitoriosa no jogo de poder, exige justamente o contrário, o silenciamento e “a autonegação de todos os seus cidadãos” (hooks, 2019, p. 62). Desta forma,

Coletivamente, pessoas negras e nossos aliados somos empoderados quando praticamos o autoamor como uma intervenção revolucionária que mina as práticas de dominação. Amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e de ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras (hooks, 2019, p. 63).

É neste sentido que, além de criticar o racismo - que faz com que muitas pessoas negras tenham sua autoestima minada - e a apropriação e esvaziamento de significado de símbolos da cultura negra, os versos da poeta Maiara Silva trazem a valorização da negritude e a afirmação de sua beleza, que é a beleza das mulheres negras como grupo étnico. Ao descobrir o valor de seus traços fenotípicos, a voz poética recupera o direito de ser a si mesma e é a experiência negra que lhe garante a munição contra as opressões. A arma, também aqui, é a palavra.

Preta desde que nasci. Mas só descobri o valor da minha pele quando cresci. Me negaram o direito de ser quem eu sou. Me ensinaram que o meu cabelo é ruim. E até me fizeram achar que era um castigo ser assim. O tempo... O tempo passou e a informação virou minha arma contra toda opressão. E, hoje, minha palavra reflete minha cor, minha vivência, minhas dores e minha essência. E me irritam... Me irritam quando dizem que meu cabelo é moda. O fato é que fugimos do padrão e o crespo incomoda. E turbante não é fantasia, moça, só

pra usar quando está em evidência. Porque não é moda e nem tendência. É o nosso símbolo de resistência (SILVA, 2019).¹¹

A resistência através da estética negra também aparece nos versos da poeta Rool Cerqueira. Os cabelos, que marcam a presença da negritude em ambas as poesias, representam no poema transcrito abaixo não apenas a beleza negra, mas uma continuidade da luta por justiça social, empoderamento político, força de vida:

O empoderamento, ele vai além de um black armado. Não adianta ter o argumento falho e fragilizar a luta do seu antepassado é mostrar que nessa diss o seu gol foi pro outro lado. O seu cabelo encrespado, preto, é um posicionamento político. Estética é política. Conheça sua raiz, desvincule o que a mídia diz, pois cada traço facial representa um corpo de resistência marginal. E a nossa presença nesse espaço está para além dos cachos perfeitos da Garnier no comercial. Os nossos dreads e as nossas tranças é o documento que mantém viva a esperança do meu povo sair da base e ocupar as universidades, bibliotecas. Cargos públicos é um tiro de meta. Libertando as mentes aprisionadas por correntes sem que as histórias se repitam, pretos. Entendam o ponto e reflitam. Enquanto estiver uma de nós acorrentada na pista, enquanto tiver uma de nós dentro da estatística, você é a próxima ou o próximo da lista (CERQUEIRA, 2019).¹²

Ao expressar que não adianta possuir um cabelo *black* armado se o argumento é falho, a voz poética indica que “estética é política”, apontando a necessidade de uma consciência crítica para a obtenção de mudanças sociais. O empoderamento aparece, portanto, como “uma postura de enfrentamento da opressão para eliminação da situação injusta e equalização de existências em sociedade” (BERTH, 2018, p. 16), buscando melhorias não apenas individuais, mas, sobretudo, coletivas.

¹¹ Poesia apresentada no Slam das Minas BA, em 31/05/2019.

¹² Poesia apresentada no Slam das Minas BA, em 31/08/2019.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi Audre Lorde (2019), poeta, escritora, feminista negra e ativista caribenha-americana, quem disse que a poesia é iluminação, um tipo de luz através da qual podemos dar nome às ideias que, antes dela, já são sentidas - embora estejam ali, dentro de nós, ainda sem nome e sem forma. E que, imprescindível para o nascimento do pensamento, é a destilação da experiência o que torna a *verdadeira* poesia possível.

Embora o mundo ocidental exalte uma pretensa objetividade como requisito para o trabalho intelectual, hierarquizando os diferentes tipos de conhecimento, compreendemos, a partir da leitura de diferentes poetas, que não há contraposição entre o emotivo e o racional. Muitas de nós, mulheres negras, temos recorrido à escrita da poesia para exteriorizar aquilo que *sentimos* e que *pensamos*, despertando no outro, através da palavra poética, tanto sentimentos quanto reflexões. A poesia das mulheres negras não nasce de um mero jogo de palavras concebidas no vácuo da imaginação. Surge, antes de tudo, a partir de uma experiência de vida, de um corpo multimarcado - que vive, que sente, que interpreta o mundo.

Nesse sentido, as contribuições de Lorde (2019) também são importantes para pensarmos no papel da poesia como instrumento de luta para as mulheres negras. A autora argumenta que a criatividade muitas vezes é determinada pela classe social e que a poesia é a manifestação artística mais econômica, tendo se tornado a principal forma de expressão de pessoas pobres em geral e das mulheres *de cor*. Requerendo menos gastos e menos esforço físico, a poesia “pode ser realizada entre turnos de trabalho, em uma despensa de cozinha de hospital ou no metrô, usando qualquer pedaço de papel” (LORDE, 2019, p. 144). Por isso, os *slams* têm permitido a formação e a visibilização de um grupo de intelectuais orgânicas que, através da experiência, refletem e fazem refletir sobre questões tão atuais quanto urgentes e atuam como porta-

vozes de si mesmas e também daquelas e daqueles que compartilham de experiências semelhantes.

Desta forma, ativistas da palavra, as mulheres negras *slammers* falam e se fazem escutar. Ao produzirem discursos que se contrapõem aos discursos tradicionais tanto no que diz respeito ao conteúdo quanto à estética, estas poetisas ocupam uma espécie de entrelugar na literatura brasileira, articulando duas posições opostas e complementares. São, ao mesmo tempo, sujeitas de fora e de dentro, jogando *com* a literatura e, simultaneamente, *contra* ela, com as ferramentas que ela mesma proporciona. Apropriam-se da língua e, subvertendo-a através de um linguajar popular e construções desobedientes à norma culta, transformam-na em uma outra língua, inclusiva, viva, libertadora. São responsáveis por “uma literatura que se faz na ‘contramão’, nos interstícios de uma outra” (EVARISTO, 2010, n.p), por uma poesia que se vive com o próprio corpo na experiência da diáspora negra, que exige não só outras representações das mulheres negras, mas também o lugar de poeta.

E tomar a palavra para si é, antes de tudo, um ato revolucionário.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

BERTH, Joice. *O que é empoderamento?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. Estudos feministas 1, p. 171-189, 2002.

EVARISTO, Conceição. *Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face*. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ed. Universitária, 2005. p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira*. In: Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza, p. 132-142, 2010. Disponível em: bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/evaris.rtf. Acesso em: 03/01/2020.

HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. Educação & realidade, v. 22, n. 2, 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361>. Acesso em: 09/12/2020.

HALL, Stuart. Que “negro” é esse na cultura negra? In: HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representações da Unesco no Brasil, p. 317-328, 2003.

HOOKS, bell. *Yearning: Race, Gender, and Cultural Politics*. New York: Routledge, 2015.

HOOKS, bell. Mulheres negras revolucionárias: nos transformamos em sujeitas. In: *Olhares Negros: Raça e Representação*. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação - episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider: Ensaios e conferências*. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Autêntica, 2019.

MARTINS, Leda. *Performances da Oralitura: corpo lugar da memória*. Língua e Literatura: limites e Fronteiras (Universidade Federal de Santa Maria) n. 26, 2003. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>>. Acesso em: 19/12/2019.

NEGAFYA. *Insubmissa*.

NEGAFYA. Convocação. In: DUARTE, Mel (org.). *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*. São Paulo: Planeta do Brasil, p. 179, 2019.

SINGA, Ludmila. *Solo fértil*. Salvador: 2019.

SLAM DAS MINAS BA. *O Slam das Minas – BA nasce em março de 2017*. Salvador, 19 ago. 2019. Facebook: SLAM DAS MINAS BA. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/377423486298613/permalink/380234372684191/>>. Acesso em: 04/01/2020.

SOUZA, Florentina. *Mulheres negras escritoras*. Revista Crioula, nº 20 - 2º semestre/2017, p. 19-39. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/141317/136840>. Acesso em 21/02/2020.

SOUZA, Florentina. Mulher, cultura e insubmissão na diáspora. In: *Olhares sobre a literatura afro-brasileira*. Salvador: Quarteto, 2019.

SOMERS-WILLET, Susan B. A. *The Cultural Politics of Slam Poetry: Race, Identity and The Performance of Popular Verse in America*. Michigan: The University of Michigan Press, 2009.

Recebido em 13/05/2020.

Aceito em 30/07/2020.